

Burlesco

a.: Cômico, grotesco; caricato. Zombeteiro.

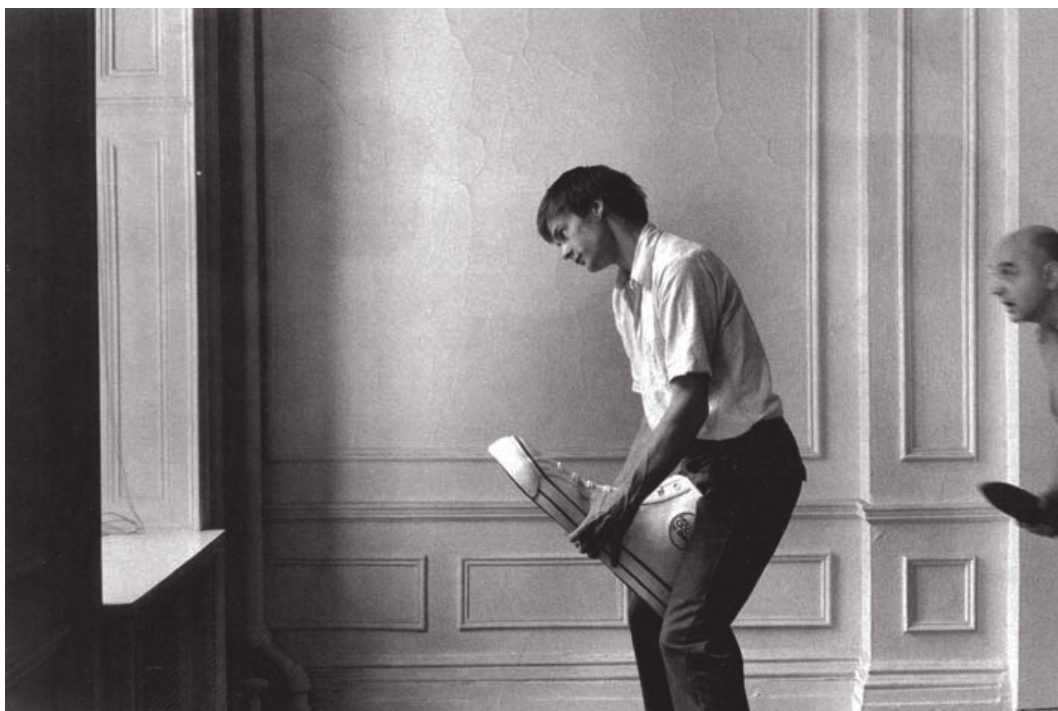
Lygia Caselato

Mestranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo.

Esta colagem, que mistura textos de Shaftesbury (1673-1711) com fotos de Duane Michals (1930-1997), é uma homenagem a este fotógrafo, precursor do fotorromance e autor de diversas experiências com a fusão de texto e imagem. A seqüência de imagens intitulada "Burlesque" foi tirada do livro LIVINGSTONE, M. *The Essential Duane Michals*. Boston, Nova York/Toronto/Londres, Bulfinch Press Book Little/Brown and Company, 1997. As passagens de Shaftesbury foram traduzidas pela autora e encontram-se em *Sensus Communis, or an Essay on the Freedom of Wit and Humour*, in: *Characteristics of Men, Manners, Opinions, Times*. Vol. I. Edição fac-símile de 1711, Nova York, Georg Olms, p. 70-4 (para as nove primeiras fotos); e no "Dictionary of Art Terms" contido no quarto tratado dos *Second Characters or the Language of Forms*, intitulado *Plastics or the Original Progress and Power of Designatory Art*, na edição de Benjamin Rand. Londres, Thoemmes Press, 1995, p. 179 (para a última foto). Sem o apoio e a contribuição de Yanet Aguilera, Ana Portich e Luís Nascimento este trabalho não teria sido possível.



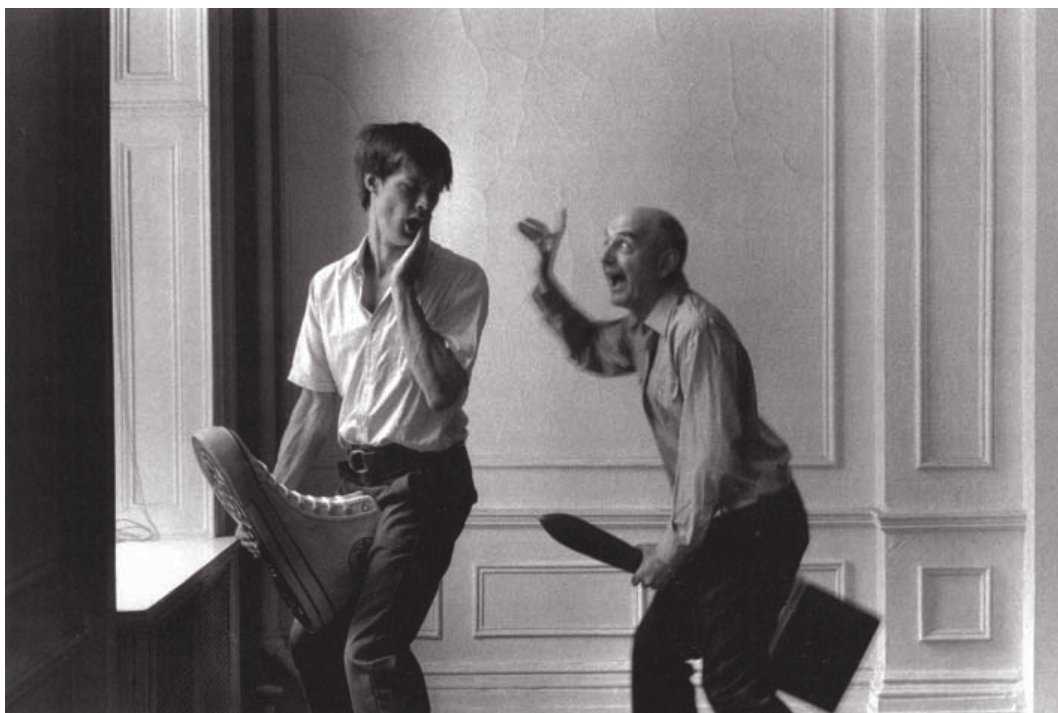
De acordo com a noção que tenho de *razão*, nem os tratados escritos dos letrados, nem os discursos convencionais do eloqüente podem ensinar por si mesmos seu uso. Somente o hábito do raciocínio pode fazer *um homem que raciocina*. E os homens não podem ter melhor convite ao hábito que quando nele encontram prazer.



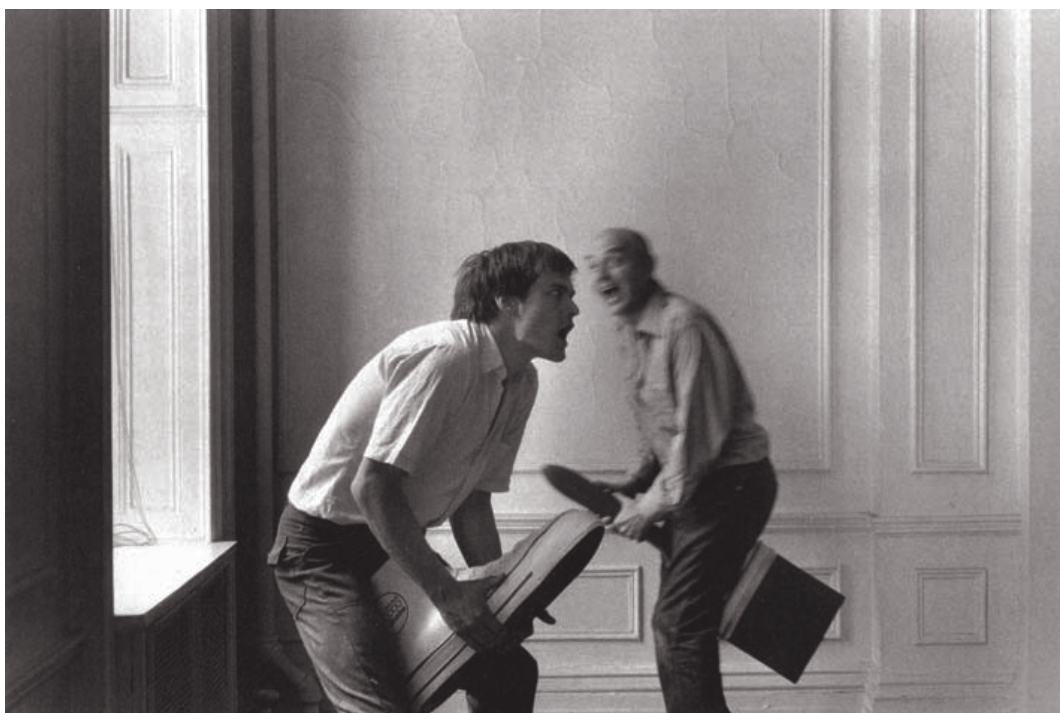
A liberdade de zombaria, a liberdade de questionar todas as coisas em linguagem apropriada, e a concessão para esclarecer ou refutar qualquer argumento sem ofensa ao argüidor são os únicos termos que podem tornar tais conversações especulativas de algum modo agradáveis. Pois, para falar a verdade, elas tornaram-se opressivas à humanidade, pelo rigor das leis que lhe foram prescritas e pela predominância do pedantismo e do fanatismo naqueles que reinam sobre elas e que assumem para si ser ditadores nessas províncias.



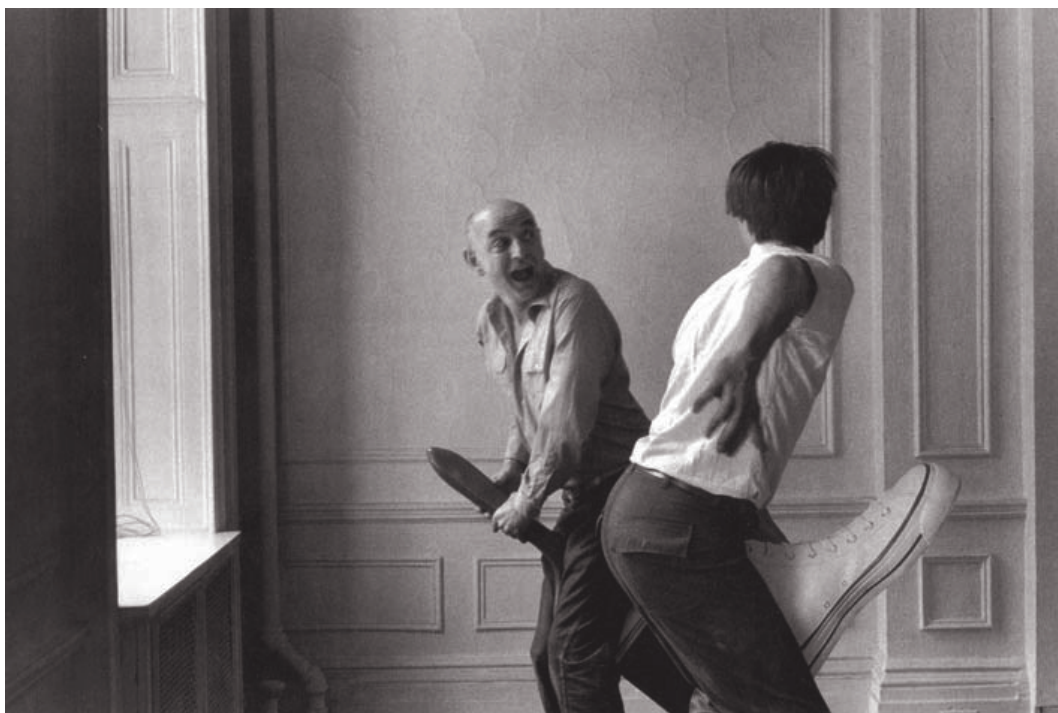
A voz magistral e o estilo elevado do pedagogo exigem reverência e temor, e são admiravelmente úteis para manter [a razão] a distância e fora do alcance do entendimento. O outro gênero, ao contrário, oferece o ponto de apoio mais justo e força o antagonista a usar *tête-à-tête* sua plena força, sobre um fundo imparcial. (...) É uma quebra da harmonia da conversação pública dispor as coisas numa chave acima do alcance comum, reduzindo o outro ao silêncio e roubando seu *direito de resposta*.



Em matéria de razão, faz-se muito mais num minuto ou dois na forma de pergunta e resposta, que por meio de um discurso continuado de horas inteiras. *Discursos oratórios* servem apenas para movimentar as paixões, e o poder da declamação serve mais para aterrorizar, exaltar, arrebatá-lo ou deleitar do que para satisfazer ou instruir.



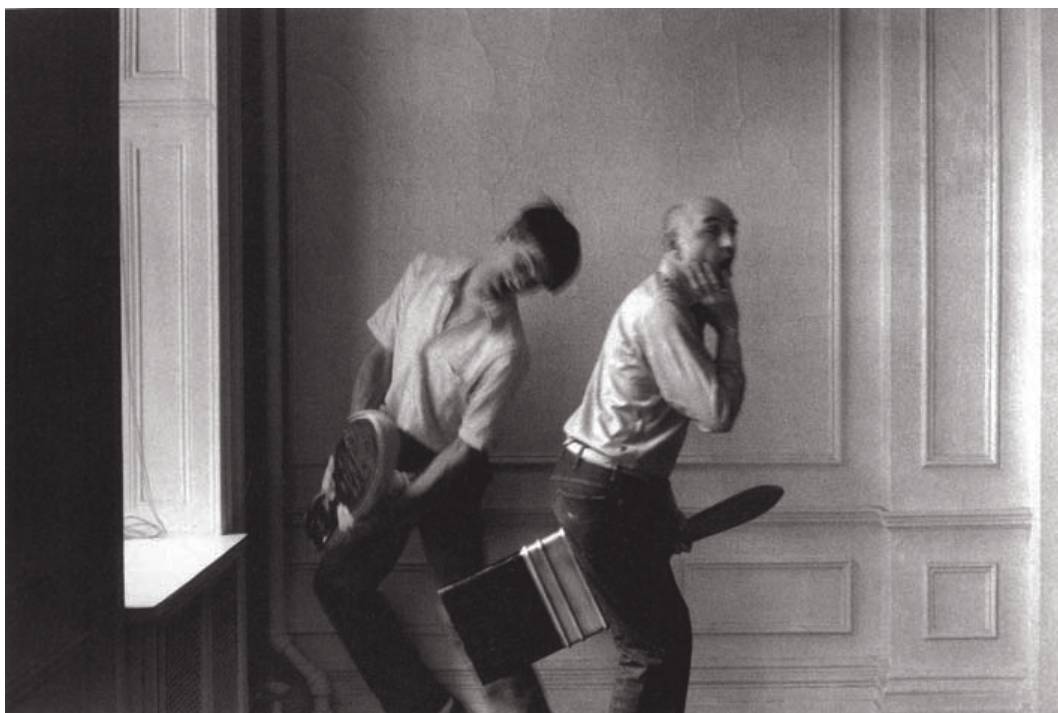
Uma conversa livre é um combate *tête-à-tête*. O outro caminho, em comparação com este, não é senão brandir o ar ou *lutar em vão*. Ser obstruído e agrilhado em conversas e limitar-se a ouvir discursos oratórios sobre certos assuntos deve, portanto, trazer-nos necessariamente um desgosto e tornar os assuntos assim manipulados tão desagradáveis quanto seus manipuladores. Os homens preferem raciocinar sobre ninharias, desde que possam raciocinar livremente e sem a imposição da autoridade, a fazê-lo sobre os assuntos melhores e mais úteis do mundo, se forem dominados pelo medo e pela restrição.



A mesma coisa acontece com os corpos fortes e saudáveis que, privados de seu exercício natural e confinados num espaço muito estreito, são forçados a usar estranhos gestos e contorções. Possuem uma espécie de ação e ainda se movem, embora da maneira mais desgraciosa possível. Pois, os espíritos animais que estão em tais membros ativos e robustos não podem cair mortos, ou sem ocupação. E, dessa maneira, os espíritos livres naturais dos homens de gênio, quando aprisionados e controlados, encontrarão outros tipos de movimento para aliviar seu *constrangimento*; e seja no burlesco, na mímica ou bufonaria, estarão satisfeitos, de qualquer maneira, por conseguir respirar e por vingar-se de seus *constrangedores*.



Quando os homens são proibidos de falar seriamente o que Pensam sobre certos assuntos, eles o fazem ironicamente. Se Forem totalmente proibidos de falar sobre tais assuntos, ou se realmente acharem perigoso fazê-lo, irão redobrar o disfarce, envolver-se em mistério e falar de tal modo a dificilmente serem entendidos ou plenamente interpretados por aqueles que estão dispostos a causar-lhes dano. E, dessa maneira, a *zombaria* entra em voga e incorre num extremo. O espírito perseguidor instiga o zombeteiro, e a falta de liberdade responde pela falta da verdadeira polidez, por uma corrupção ou mau uso do humor e da brincadeira.



A esse respeito, se às vezes extrapolamos a justa medida do que chamamos urbanidade e nos sujeitamos a tomar um rústico ar de bufonaria, podemos agradecer à ridícula solenidade e ao humor azedo de nossos pedagogos, ou antes, eles podem agradecer a si próprios, se alcançarem particularmente o que há de mais forte nesse gênero de tratamento. Pois, naturalmente, o mais forte será aquele que tiver sido constrangido de modo mais severo; quanto maior o seu peso, mais amargo será o sátiro; quanto maior a escravidão, mais requintada a bufonaria.



Que isso é o que efetivamente ocorre pode-se perceber lançando um olhar sobre aqueles países onde a tirania espiritual é mais alta. Pois os maiores bufões são os italianos; e a bufonaria e o burlesco andam na mais alta moda em seus escritos, em suas espécies mais livres de conversação, em seus teatros, em suas ruas. Essa é a única maneira pela qual esses pobres oprimidos desgraçados podem lançar um pensamento livre. Concedamos-lhes superioridade nessa espécie de chiste. Pois, que espanto haverá se nós, que temos mais liberdade, tivermos menos destreza nesse notório caminho da zombaria e do ridículo?



Mas, visto que as terminações em *esco* (como burlesco, romanesco etc.) são todas bufas, lembrar de não usar nunca a palavra *pitoresco* em assuntos de honra (como é o caso para todos os pintores em sua arte comum, como rafaelesco, salvadoresco). Salvo raras exceções, usar, ao invés disso, pictórico, plástico, gráfico, poético.